

UnB
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Ciências Sociais
Antropologia Cultural

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data <u> </u> / <u> </u> / <u> </u>
Cod. <u>XVJΦΦ235</u>

PESQUISA DE CAMPO ENTRE OS XAVANTES (1)

Por David Maybury-Lewis

(Tradução da Introdução do livro:
DAVID MAYBURY-LEWIS: The Akwẽ-
Shavante Society, Clarendon Press,
Oxford, 1967, pp. IX-XXXIV)

Os antropólogos são muitas vezes reticentes a respeito das circunstâncias de suas pesquisas-de-campo. Ache isso lamentável. É seguramente tão importante saber as condições sob as quais um estudo de campo foi levado a efeito como conhecer as condições de uma experimentação. Admite-se que as "condições" de campo sejam difíceis de anotar. Para muitos antropólogos é uma experiência crucial, levando a um total envolvimento da mente e da personalidade com o povo estudado, uma coisa completamente estranha às ciências físicas. É claro que não desejo subestimar o valor desse aspecto empático do empreendimento. Mas apenas a empatia não é o suficiente. Um pesquisador de campo deve sentir que conhece alguma coisa a respeito do povo que estudou, mas tem que mostrar a seus colegas como sabe (ou ao menos pensa) que conhece. Isso somente pode ser feito se ele tenta descrever a maneira pela qual chegou ao que ele agora pede de seus leitores que aceitem como "conhecimento".

Estou consciente de que tais descrições não satisfazem igualmente a todo mundo, mas isso não é motivo suficiente para omiti-las ou, pior ainda, para oferecer um sumário inadequado das circunstâncias de uma determinada parte da pesquisa. A maioria dos relatórios antropológicos hoje em dia especificam quanto tempo o autor ficou no campo, mas nem sempre indicam quanto deste tempo foi dispendido no contacto diário com o povo estudado e quanto em outros lugares - como por exemplo numa cidade próxima. E nem sempre mencionamos outros detalhes pertinentes de tais contactos. Nem todas as vezes nos é relatado como o pesquisador de campo foi recebido pelo povo que estudou e como fez a coleta de suas informações. É muitas vê-

zes difícil descobrir se ele partilhou de abrigos com pessoas do grupo estudado, se ocupou uma habitação separada na própria comunidade ou a alguma distância da mesma, ou se ele a visitava a partir de outra comunidade.

Naturalmente, é a qualidade da interação o que importa, não a quantidade. Um bom pesquisador de campo pode obter melhores dados em seis meses do que um indiferente em dois anos. Nem um café matinal com os seus objetos de pesquisa compensará a perda de percepção de um antropólogo. Mas isso é a maior razão para insistir que a qualidade dessa experiência seja descrita tão minuciosamente quanto possível, de modo que os leitores do relatório possam se colocar numa posição apropriada para avaliar seu conteúdo. Os antropólogos muitas vezes relutam em aceitar a medida de sua desorientação ou inabilidade de compreender seus informantes. Alguns de nós podem nem mesmo aceitar, para si mesmos, a sorte de figura que gravaram nos olhos do povo que estudavam e por certo não gostariam de ver o assunto discutido desapassionadamente por seus colegas. Portanto consentimos publicamente na convenção de que as afirmações de um pesquisador de campo podem sofrer objeções somente no ponto de vista da teoria ou de sua consistência, nunca porque temos de antemão boas razões para acreditar que ele não estava em condições de fazê-las. Tais sugestões são tabu e, por conseguinte, relegadas às "fofocas" dos antropólogos, onde, eu o notei, ocupam um lugar proeminente.

Creio que já é tempo de abandonarmos a mística que envolve a pesquisa de campo e tornar convencional a descrição, em alguns detalhes, das circunstâncias da coleta de dados, de modo que possam se submeter a escrutínio tal como os próprios dados. Isso melhoraria o conhecimento antropológico no sentido de sermos menos inclinados a tomar os escritos de nossos colegas em confiança⁽²⁾; poderia também eliminar um pouco do jargão dos relatórios de campo. Uma vez que o trabalho de campo fosse visto de modo desapassionado, poder-se-ia perceber que há situações de campo difíceis e outras menos difíceis, tal como há linguas difíceis e outras menos difíceis. Portanto, não deve haver estigma num antropólogo cujos dados, tomados em circunstâncias difíceis, são menos "ricos" que os de seus colegas, contanto que ele não faça exigências exageradas fundamentadas neles. Seria melhor ter poucos fatos bem atestados do que uma massa deles mal estabelecidos; contudo muitíssimas vezes os antropólogos julgam um relatório de campo mais em termos de quan

tidade do que desta sorte de qualidade.

Pode parecer que este preâmbulo se destina a desarmar a crítica do relatório de campo que vou apresentar. Na verdade considero que as circunstâncias do meu trabalho entre os Xavantes, a julgar pelos padrões antropológicos normais, foram difíceis. Não obstante, por uma questão de princípio, especificarei tais circunstâncias da melhor maneira que puder. Estou completamente consciente de algumas das inadequações de meus dados e não acredito que qualquer propósito cognitivo será servido se procurar escondê-las. Finalmente, se minha especificação das condições sob as quais este trabalho foi empreendido for considerada insatisfatória, posso ao menos alegar que tive poucos meios a seguir.

Fiz cinco excursões ao Brasil Central. Em 1955-56 trabalhei entre os Xerente e os Krahó, retornando para passar o verão entre os Xerente em 1963. Entrementes, trabalhei entre os Xavantes em 1958, retornando para passar o verão de 1962 e ainda para uma pequena visita em 1964. Este livro trata antes de tudo dos Xavantes e são as circunstâncias de minha pesquisa entre eles que descreverei agora.

Esta pesquisa foi planejada em 1954. Nesta época os primeiros Xavante mal tinham estabelecido relações pacíficas com o mundo externo e pensava-se não ser aconselhável aos antropólogos trabalhar entre eles. Além disso, não se podia esperar que falassem português, de modo que o problema de comunicação para um pesquisador de campo seria bastante sério. Portanto, planejei trabalhar primeiro entre os Xerente. Julgava-se que falavam a "mesma língua" que os Xavante e tinham já um longo período de contato com os brasileiros, de modo que muitos deles falavam algum português. Eu esperava conseguir aprender Xerente por intermédio do português e ao mesmo tempo adquirir alguma experiência de Brasil Central antes de empreender a pesquisa Xavante, mais difícil. Acreditava também que um conhecimento do Xerente me habilitaria a aprender o Xavante no campo.

Todo projeto dependia de uma transição de uma língua para a outra. Convém, portanto, dizer que o meu estudo de graduação tinha sido em línguas⁽³⁾. Quando fui ao Brasil em 1953 falava fluentemente o espanhol, mas não o português. Por volta de 1954 estava habilitado a fazer a mudança para o português, e por dezoito meses estudei etnologia na Escola de Sociologia e Política (Universidade de São Paulo) com o Professor Baldus. Durante este período li todo o material disponível tanto sobre os

Xerente como sobre os Xavante. Falava português quando fui pela primeira vez ao campo.

Minha esposa e eu trabalhamos por sete meses entre os Xerente. Fomos então obrigados a deixá-los devido à falta de fundos e conseqüente problema de saúde⁽⁴⁾. Havia nesta época pou- co material linguístico disponível sobre os Xerente e nada que se aproximasse de uma gramática ou de um dicionário da língua. Estava portanto obrigado a aprendê-la à medida que prosseguisse a pesquisa. No fim de nossa estada eu estava apto para entender a conversação Xerente e a me expressar com razoável fluência numa amplitude limitada de tópicos. Com alguma ajuda eu podia entender qualquer coisa que fosse dita em Xerente, mas podia somente apreender a essência da conversação rápida e dos discursos formais que os Xerente fazem frequentemente.

Em dezembro de 1957 retornei ao Brasil com a intenção de passar aproximadamente um ano entre os Xavante. Infelizmente, dificuldades burocráticas, das quais a mais intratável foi a recusa da alfândega brasileira em liberar nossos equipamentos durante três meses, tornaram impossível para nós alcançar o campo tão rapidamente quanto esperávamos ou lá ficar tanto tempo quanto desejávamos.

Em fevereiro de 1958 viajei pela Força Aérea Brasileira até o posto do Serviço de Proteção aos Índios em São Domingos, no rio das Mortes, para fazer um reconhecimento preliminar dos Xavante. Descobri que este grupo Xavante tinha se estabelecido a uma distância de quinze minutos a pé a partir do posto. Mas foi somente no começo de abril que pude ir definitivamente para o campo. Então voei para o mesmo posto, acompanhado de minha esposa e de meu filho, que tinha acabado de fazer seu primeiro aniversário⁽⁵⁾.

Quando de nossa chegada a São Domingos ficamos alojados numa cabana do posto indígena. Um certo número de Xavante da aldeia tinham vindo à pista quando nosso avião pousou e ajudaram a carregar nossa bagagem até o posto. Eles a depuseram diante de um velho que descobri ser o chefe da aldeia. Ele claramente esperava que abrissemos as malas ali e naquele momento e distribuíssemos o conteúdo delas. Era-nos difícil recusar, uma vez que esses Xavante tinham-se acostumado a serem cortejados com presentes. Não fazia cinco anos que oficiais de alta patente do exército e da aeronáutica sentiram que valia a pena visitar esses índios pacificados recentemente, para dar-lhes elaborados presentes em nome do governo e serem fotografados em afetuosos a-

braços com dignatários tais como este chefe.

Finalmente persuadi-os que eu faria uma maior distribuição de presentes tão logo nos transferíssemos para a casa que eu esperava que seu povo construísse para nós em sua aldeia. A cabana ficou pronta aproximadamente duas semanas após nossa chegada e pudemos então nos mudar para a aldeia. Enquanto isso eu descobri que havia bastante diferença entre o Xavante e o Xerente, especialmente quanto à pronúncia, para me fazer muito difícil compreender o que estava sendo dito, mas também bastante similaridade para poder me fazer entender de um modo elementar.

Quatro dias após ter-me transferido para a aldeia (no fim da terceira semana de abril) os membros da comunidade saíram em expedição⁽⁶⁾ pela região da serra do Roncador. Não os acompanhei porque estava esperando pela chegada da farinha de mandioca que tinha encomendado. O avião de abastecimento que devia visitar São Domingos não tinha chegado⁽⁷⁾ e alguns funcionários do posto tinham sido enviados rio acima, de canoa, para comprar alimento. Eu necessitava da farinha de mandioca para que pudesse ter algo para oferecer aos Xavante como retribuição pela minha presença em seus acampamentos e também para que pudesse ter um suprimento alimentar independente. Enquanto isso eu trabalhava com os poucos Xavante, inclusive o chefe, que tinham permanecido na aldeia e tentava melhorar meu conhecimento da língua deles.

A farinha chegou cinco dias depois e eu saí com um único guia Xavante para me juntar aos outros. Viajei com eles durante todo o período de maio a junho, mas não acompanhado de minha esposa e filho. Quando retornei a São Domingos encontrei meu filho doente e necessitado de cuidados médicos. A sorte foi que um missionário, que estava rio-acima, decidira encerrar sua missão e vender sua embarcação. Portanto, ele tinha de descer o rio das Mortes até à sua foz e subir o Araguaia até a Aragarças onde podia entregar sua embarcação ao comprador. Concordeu em levar minha esposa e meu filho a Aragarças, de onde poderiam conseguir veiar para o litoral, mas somente sob a condição de que eu os acompanhasse. Portanto fizemos uma viagem de doze dias subindo o Araguaia.

De Aragarças eu imediatamente voei de volta para São Domingos pela FAB. Era então meados de julho. De 16 a 28 de julho acompanhei um grupo de caçadores que estavam caçando para o período culminante dos festivais de iniciação. Retornamos à aldeia, onde as cerimônias se completaram em 4 de agosto.

Em 7 de agosto os membros da comunidade se deslocaram outra vez em excursão. Viajei por terra até a um outro grupo Xavante

na missão Salesiana de Santa Teresinha. Descobri, entretanto, que esta comunidade estava também em excursão. Contudo, havia uns poucos Xavante que tinham permanecido e eu podia trabalhar com eles. Sobretudo ouviram com fascinação minhas fitas gravadas em São Domingos, porém não somente não as explicaram para mim como também fizeram comentários livres e desfavoráveis sobre os problemas daquela comunidade.

No começo de setembro um avião particular trouxe um passageiro para a missão e eu pude nele voar de volta para Campo Grande e daí viajar para São Paulo.

Duas semanas depois consegui com a FAB a viagem de retorno a São Domingos para mim e para minha família. Os membros desta comunidade estavam justamente começando a retornar de sua excursão. Fiquei com eles até o fim de novembro, quando deixei os Xavante definitivamente. Tinha ficado no campo exatamente sete meses, não contando o tempo passado longe dos Xavante.

Durante aqueles períodos em que os Xavante estavam em sua aldeia base, perto de São Domingos, minha família e eu vivíamos numa pequena cabana vizinha à do chefe. Nossa casa diferia das dos outros Xavante somente quanto ao fato de ser o "lar" de uma única família. Mesmo assim ela estava longe de ser nosso castelo. Os Xavante entravam e saíam dela o dia inteiro do modo mais livre que o fariam em qualquer uma das outras cabanas. Eles normalmente entram e saem das casas dos seus parentes e evitam os seus afins. Desde que o chefe me tratava como "filho" e me chamava com este termo, éramos automaticamente tratados como parentes pelos membros de seu clã. Mas os membros dos outros clãs não me olhavam realmente como um afim. Portanto, estávamos numa posição de ter de manter a casa aberta para toda a comunidade. Isso teve suas vantagens pelo fato de conseguirmos conhecer todo o mundo, mas teve suas desvantagens também.

Aquelas pessoas que mais se inclinavam a frequentar nossa cabana eram muitas vezes aquelas que tinham menos a dizer e cuja presença inibia os outros Xavante nas raras ocasiões em que eles pareciam dispostos a falar. Além disso, os numerosos filhos do chefe eram nossos "parentes" mais próximos tanto espacialmente como conceptualmente. Disso resultava que eles viviam virtualmente sob o nosso teto. Eram os Xavante mais difíceis de se lidar e os que mais solicitavam presentes e favores. Eram sob alguns aspectos os informantes menos adequados, além do que eu tendia a ser identificado com eles, o que criava sentimentos de ciúme e hostilidade contra mim nas mentes de outros Xavante cuja companhia eu não

tas vêzes teria preferido.

A completa e perpétua falta de privatividade nos impôs uma tensão que se tornava cada vez mais intolerável conforme se passavam os meses. Havia sempre Xavantes deitados ou dormindo em nossa cabana. Alguns deles invariavelmente passavam a noite conosco; outros vinham durante as horas quentes do meio-dia para debaixo do nosso teto, cochilando e fazendo-nos pedidos alternadamente. Isso criava numerosos problemas. Alguns deles eram pegsoais. Não reprovávamos a maioria dos hábitos Xavante, mas objetávamos contra o cuspir em nosso pequeno pedaço de chão ou projetar seu catarro na cobertura de nossa cabana. Eles ficavam muito divertidos com esta nossa idiossincrasia e costumavam escarrar em alto som e fazer como se fôsem cuspir toda a vez que desejavam chamar a minha atenção, como por exemplo, quando estava tentando escrever minhas notas. Mais sério era o fato de ser impossível conseguir uma conversa privada com qualquer Xavante. Acontecia ocasionalmente que eu podia falar com um deles sozinho, encontrando-o só em sua cabana, mas tais encontros não podiam ser previstos e não eram necessariamente com a pessoa certa. Ao mesmo tempo era muito difícil para mim conseguir privatividade suficiente para redigir minhas notas, ficar a sós para analisar meus dados. Naturalmente eu podia fazê-lo na presença dos Xavante, mas isso me impunha uma considerável tensão. Tal coisa tornou-se virtualmente impossível durante o período em que a cabana do chefe estava tendo a sua cobertura renovada. Todos os seus ocupantes se mudaram para a nossa cabana enquanto a deles estava sendo reparada. Como choveu fortemente nos dias seguintes, a recobertura não prosseguiu e fomos confinados com dezessete pessoas e seus animais de estimação numa cabana do tamanho de um pequeno quarto.

Durante os primeiros dias de meu trabalho em São Domingos fiz um plano da aldeia, que neste tempo tinha dezesseis casas e mais uma casa de solteiros. Então tentei registrar quem vivia em cada casa. Isto não era tão fácil quanto parece. Os Xavante não estão acostumados a serem visitados em sua cabana e nessa ocasião me deram claramente a entender que eu não era bem vindo. Ficavam ressentidos com minhas perguntas e suas respostas eram relutantes e incompletas. Antes mesmo que eu pudesse conhecer a todos na aldeia, mesmo sem saber suas residências, a comunidade separou-se em três grupos, que partiram em excursão.

Viajei com um desses grupos durante aproximadamente cinco semanas. Em tal período vivi num abrigo ocupado pelos fi-

lhos do chefe (meus irmãos), sua filha e seu genro. Tais abrigos davam espaço coberto exatamente suficiente para seus ocupantes se deitarem como sardinhas em lata. Se havia muitas pessoas para um abrigo, como havia para o nosso, então nem todos os seus ocupantes podiam se deitar de costas ao mesmo tempo, ou as pessoas que dormiam nas extremidades eram empurradas contra a cobertura. Se um homem alto esticava suas pernas, seus pés ficavam do lado de fora da entrada. Levei algum tempo para aprender a dormir nesses abrigos, porque tinha por força que deitar-me entrelaçado com outros que dormiam e era mantido acordado pelos choques de seus joelhos e cotovelos, ou porque rolavam por cima de mim. Os Xavante parecem poder empurrar e deslocar em seu favor sem acordar. Além disso, aqueles que dormiam sempre se acumulavam mais perto de mim, pois eu tinha cobertores e as noites são muito frias no planalto Central do Brasil. Os Xavante usualmente dormem até que o frio os acorde irremediavelmente, então eles saem para agachar-se em torno de suas fogueiras até o amanhecer. Em meu abrigo havia invariavelmente ao menos três pessoas que preferiam uma perção do meu cobertor a esta outra alternativa.

Durante o dia eu acompanhava os homens em suas várias atividades até que sentia que sabia aproximadamente o que todos estavam fazendo e como o faziam. Após isso eu passava o dia indo de lugar para lugar e conversando com diferentes pessoas. Achei-os mais comunicativos do que tinham sido na aldeia. Intrigava-os o fato de eu estar acompanhando a sua excursão, uma coisa que nenhum estranho tinha feito antes e isso atiçou sua curiosidade a meu respeito, especialmente a das mulheres. Tinha-me tornado persona grata em meu abrigo, dando-lhes metade de meu suprimento de farinha de mandioca logo que cheguei. Subsequentemente, toda vez que preparava algum alimento para mim, sempre partilhava-o com dois ou três membros do abrigo. Consistia de várias misturas de meus quatro ingredientes: leite em pó, sopa em pó, açúcar e farinha de mandioca. Em retribuição eu recebia uma parte do alimento que vinha para o abrigo. Este vinha menos regularmente do que estava acostumado e não tinha desenvolvido o hábito Xavante de comer prodigiosamente quando havia alimento e depois sair. Consequentemente eu pedia e recebia uma parte menor do que as dos outros, o que não desagradava a meus anfitriões.

Enquanto estávamos em excursão, achei-me progressivamente escolhido para palhaço ou talvez mascote do acampamento. O guia que me tinha acompanhado desde São Domingos dirigiu-se ao

conselho dos homens, como era costume, na tarde de sua chegada. Lá fez um relato detalhado de nossa jornada de dois dias e meio, imitando habilmente meu desajeitado Xavante e contando tudo o que eu tinha dito e feito no caminho. Isso incluía todas as coisas que eu tinha deixado de ver e o fato de que eu não pude achar o animal de carga uma manhã depois que ele tinha vagado, peado, na noite anterior por milhas de terreno difícil. Os Xavante acharam isso clamorosamente engraçado e ficaram obviamente divertidos com a minha geral ignorância e incompetência em seu habitat.

Este sentimento se cristalizou no dia em que eu perdi meu caminho de volta ao acampamento depois de acompanhar um grupo de caçadores. Estava com eles de manhã cedo quando gritos excitados de "porco, porco, depressa atrás dos porcos!" fez a maioria dos homens sair correndo de seus abrigos. Eu corri também, armada de fogo na mão, sob a impressão de que um bando de porcos estava por perto. Ao invés disso me vi envolvido num grupo de caçadores que nada matou até o meio-dia, mas viu bastante rastos para aguçar seu apetite. Planejaram, portanto, ficar fora por dois dias ou mais. A expectativa era tão estrênua quanto desconfortável. Pior ainda, ela era improdutiva. Eu já tinha acompanhado inúmeros caçadores, os quais ficavam muito ocupados para se manterem comunicativos. Eu estava procurando um modo de voltar sem me desmoralizar. A oportunidade surgiu quando mataram um veado e precisavam de alguém para levá-lo ao acampamento. Apresentei-me como voluntário para a tarefa. No caminho de volta, entretanto, perdi-me num denso trecho de floresta.

Eu devo ter ficado perdido por pouco mais de uma hora, mas era uma experiência desagradável. Tinha tirado as minhas roupas para evitar sujá-las com o sangue e as entranhas do animal, e disso resultou que ficava seriamente cortado e arranhado cada vez que tentava uma nova saída. Tentei vadear uma corrente d'água, descendo-a até que cruzasse com uma vereda, mas ela se tornou funda de repente e eu submergi com a caça e tudo. Com isso minha faca saiu da bainha e se perdeu. Quando retornei ao acampamento estava, portanto, fisicamente marcado pela minha experiência e os Xavante notaram (antes que eu o fizesse) que eu estava sem a faca. Esses detalhes foram tecidos numa história a meu respeito que produzia sonoras gargalhadas no círculo dos homens e que era narrada em todas as ocasiões.

Não obstante, essas minhas excentricidades produziram uma espécie de tolerância divertida a meu respeito entre os homens, o que achei muito mais produtivo que sua prévia hostilidade mal -

humorada. Se eles bricavam às minhas custas, ao menos bricavam, e a partir daí podiam falar de outras coisas. Meu domínio do Xavante era ainda tão rudimentar, entretanto, que a conversa não podia ir muito longe. Eu não podia fazer muito mais que observar, notar a composição do bando e as relações dentro dele, e embarcar em discussões preliminares das instituições Xavante, das quais tinha somente a mais obscura noção. Mais tarde viajei para um outro dos bandos de São Domingos, e aí vivi na cabana dos solteiros. Esta era, se tal coisa é possível, mais inconveniente ainda que o prévio abrigo que eu tinha ocupado. Os rapazes dela faziam sua própria cobertura, uma tarefa feita pelas mulheres em todos os outros abrigos. A cobertura era tão tosca que a cabana era exposta ao sol e infestada de insetos durante o dia, e varada pelo vento e a luz da lua durante a noite. Além disso os rapazes me ajudaram a acabar com o suprimento de farinha rapidamente e eu fui, portanto, obrigado a viver numa mata Xavante.

Uma vez que obtive dados sobre esses dois bandos, pude calcular a composição do terceiro por eliminação. Na ocasião em que retornamos para São Domingos, no fim de junho, portanto, eu tinha os dados essenciais da comunidade e estava numa posição de poder fazer perguntas inteligentes, se as formulasse de maneira adequada.

Essa barreira da linguagem era a mais difícil de todas e nunca a venci satisfatoriamente. Não havia meio de melhorar meu conhecimento exceto pelo método direto. Não há ainda gramáticas ou dicionários de Xavante⁽⁸⁾, e as poucas listas de palavras publicadas eram antiquadas e inúteis. Além disso, não havia nenhum Xavante nesta comunidade que falasse qualquer coisa de português. Quase no fim de minha estada no campo eu saí para encontrar um Xavante reputadamente bilingue numa cidade vizinha. Seu português consistia de umas poucas palavras e era muito pior do que o meu Xavante. Similarmente, os únicos brancos que encontrei que eram indicados como "falando Xavante" tinham um conhecimento superficial da língua cujo montante era menos do que aquilo que eu sabia. Portanto, não tinha opção se não aprender a língua durante o curso do meu trabalho. No entanto, os Xavante de São Domingos eram maus professores. Eles ainda viviam vidas ativas e estavam pouco inclinados ao tédio de instruir um estrangeiro em sua língua. Não pude mesmo conseguir que me contassem histórias. A vista do meu microfone, fosse cuidadosamente disposto por perto, fosse claramente entregue a eles para que falassem, invariavelmente os inibia completamente. Reagiam mesmo negativamente a qualquer suspeita de uma "entrevista", de modo que meu trabalho ti-

nha de ser conduzido na base de conversas informais com esta e aquela pessoa.

O que mais me frustrava era ouvir de noite os mais impressionantes discursos dos oradores no círculo dos homens sem poder entender mais do que a essência do que estava sendo dito. Se eu me voltava para meus vizinhos pedindo explicações, eles não eram usualmente de muita ajuda, porque não tinham experiência nessa época, seja de tradução, seja de paráfrase. Eles repetiam o que tinha sido dito, talvez mais alto, ou "explicavam" dizendo: "Ele está muito zangado" ou "Ele disse muita coisa". Havia certas frases recorrentes que eu tinha de aprender ouvindo-as repetidamente no contexto e depois de delimitar seu significado, um processo que consumia muito tempo.

Em qualquer caso os Xavante tinham uma aguda desconfiança dos brancos, o que fez os estágios iniciais da pesquisa menos produtivos do que podiam ter sido. Mesmo quando pudemos, em certa medida, conseguir vencer esta reserva, achamo-los naturalmente tão taciturnos que eu algumas vezes desesperava de conseguir informações deles. Muito do tempo deles e do meu era de algum modo ocupado com atividades tais como caçadas, procura de alimento e viagens, o que desencoraja a conversação.

Pelo fim de junho de 1958 tínhamos estabelecido o que se pode considerar uma relação satisfatória com os Xavante de São Domingos, para propósitos de pesquisa. Eles chegaram a aceitar nossa presença e a incluir-nos em suas atividades. Chegaram mesmo a aceitar que podíamos entrar em suas casas para conversar, do mesmo modo como entravam na nossa. A presença de meu filho era de grande ajuda a esse respeito. Ele brincava com as crianças da aldeia e assim ganhava para nós uma entrada em casas onde não tínhamos sido previamente bem-vindos. Quando minha esposa teve de levá-lo ao litoral, os Xavante pareceram verdadeiramente interessados e me importunavam com perguntas sobre quando eles retornariam. Foi principalmente por este motivo que decidi levá-lo de volta ao campo quando se recuperou da doença. Foi nos dias seguintes ao retorno de minha esposa e meu filho à comunidade, em setembro, trazendo-nos presentes, que eu comecei a sentir que nossa presença não era inteiramente aborrecida para nossos anfitriões. Pela primeira vez os Xavante vieram nos visitar sem pedir nada, e pela primeira vez conversaram comigo livremente ao invés de me obrigarem à constante formulação de perguntas, recebidas com antipatia.

Neste tempo eu também tinha uma melhor perspectiva de meus dados de São Domingos, devido a meu trabalho em Santa Teresinha.

Por isso a maior parte do meu conhecimento a respeito dos Xavante, em 1958, foi conseguido durante os meses de outubro e novembro, antes que eu fosse obrigado a voltar para a Inglaterra. Minha tese de doutoramento foi baseada em tais dados.

Em 1962 eu pude retornar ao Brasil e visitar os Xavante. Meus objetivos eram: auxiliar a um grupo de geneticistas em sua pesquisa sobre os Xavante; anotar as mudanças que tinham ocorrido desde 1958; mas acima de tudo obter dados sobre outras comunidades Xavante para conferir minhas conclusões baseadas no estudo de São Domingos.

Voei para São Domingos com os geneticistas em 17 de julho. Lá fui recebido afetuosamente pelos Xavante e imediatamente instalei-me na aldeia, enquanto que o grupo de geneticistas permaneceu no posto do Serviço de Proteção aos Índios. Desta vez não houve problema de rapport. Muitas coisas tinham mudado desde 1958. Os Xavante não eram mais desdenhosos em se suas relações com estrangeiros. Suas terras tinham sido invadidas. A população da comunidade tinha somente a metade do seu antigo número, devido a epidemias e a guerras intestinas. Um certo número de seus habitantes tinha se retirado e ido viver na outra margem do rio das Mortes, num lugar chamado E Tõ (Água Tranquila). Além disso os Xavante de São Domingos tinham desenvolvido o gosto pelos produtos do mundo externo. Eram, portanto, mais prestativos para com os estrangeiros que vinham trazendo presentes. Creio, entretanto, que eles guardavam lembranças favoráveis a nosso respeito, particularmente de minha esposa e de meu filho. De fato, demonstraram grande desapontamento por eu ter para lá retornado sozinho. De qualquer modo o chefe construiu-me um abrigo privado com suas próprias mãos e penso que não houve ao menos uma noite em que menos de uma dúzia de pessoas dormiram comigo.

Passsei onze dias em São Domingos e durante este tempo fiz uma viagem a E Tõ. Seus habitantes tinham todos saído em excursão, mas pude fazer um plano da aldeia. Meu guia era um habitante de E Tõ que fora visitar São Domingos. Ele disse os nomes de tantos ocupantes de cada casa quantos podia lembrar, de modo que pude fazer uma idéia da composição da comunidade e estimar sua população total. De São Domingos voltei para Aragarças num avião da FAB. Daí tomei um táxi aéreo para a missão dos Salesianos em São Marcos, onde passei dez dias. Durante este tempo me instalei na missão e passei cada dia trabalhando na aldeia, que estava situada a umas cem jardas (90 metros aproximadamente). Fiz um censo superficial e anotei os segmentos residenciais e faccionais das pessoas

da aldeia. Aí eu podia obter uma grande quantidade de informações sobre os Xavante das comunidades que eu tinha estudado previamente, uma vez que eram odiados em São Marcos e as pessoas estavam prontos a lavar a roupa suja deles.

Ao mesmo tempo recebi o valioso auxílio de Adalbert Heide, um irmão leigo que tinha estado com os Xavante desde 1958. Era o primeiro estranho que encontrei com um bom domínio da língua. Generosamente forneceu-me glossários, textos e outras notas que me ajudaram a esclarecer muitos pontos. Na atmosfera mais sedentária da missão os Xavante mais velhos puderam ser facilmente persuadidos a contar histórias, de modo que pude gravar um certo número de fitas.

Ao deixar São Marcos voei para Xavantina, onde tentei obter uma embarcação que me levasse a uma aldeia Xavante em Areões. Isso me tomou algum tempo, pois Xavantina, ainda que pareça incrível, não tinha uma única embarcação utilizável quando da minha chegada. Finalmente consegui alugar uma canoa e visitar Areões, somente para saber que seus habitantes estavam em excursão. Fiquei no posto do Serviço de Proteção aos Índios, apesar de tudo, e solicitei a assistência de um informante Xavante que retornara à aldeia. Assim pude fazer o que já tinha feito em E Tô: traçar um plano da aldeia e colocar os nomes dos habitantes das casas. Obtive informações sobre seus segmentos faccionais, o que era importante, desde que a comunidade era uma amálgama recentemente constituída de um certo número de bandos que tinham sido envolvidos pela guerra no baixo curso do rio.

Então retornei a Xavantina e esperei uma semana até que pude encontrar um caminhão para empreender a difícil viagem a Aragarças. Em Aragarças fiquei mais uma semana, uma vez que o avião da FAB estava impedido de voar devido a um defeito no motor. Ao chegar a Cuiabá, aluguei um táxi aéreo e voei para o posto Simões Lopes do Serviço de Proteção aos Índios.

O posto estava flanqueado de um lado por uma aldeia de kakairi altamente aculturados e de outro por uma aldeia de Xavante que aí estavam desde 1956. Pareciam mais aculturados que qualquer grupo Xavante que tinha visto antes.

Fui alojado na espaçosa casa de hóspedes pertencente ao posto, a mais ou menos cem jardas das cabanas da comunidade Xavante. Eu entrava e saía da aldeia conforme queria, mas fazia minhas refeições no posto. A casa que eu ocupava tinha sido utilizada certo tempo por algumas moças do Summer Institute of Linguistics, que estavam ocupadas no estudo da língua Xavante. Elas não estavam em

Simões Lopes durante a minha visita, mas foram muito cordiais em fornecer-me algum de seu material analítico em outra ocasião. Como resultado de seus esforços, esses Xavante estavam acostumados a sentar-se e conversar com pesquisadores de campo durante longos períodos. Os homens estavam ansiosos por fazer isso, uma vez que os prévios pesquisadores tinham usado principalmente informantes femininos. Neste tempo eu estava particularmente investigando o faccionismo, digo, faccionalismo Xavante e sua relação com o sistema de parentesco, de modo que preferia informantes masculinos (9). Estava também interessado em obter material gravado sob a forma de histórias ou discussões Xavante sobre tópicos que me preocupavam. Pude gravar algumas horas de fita. Finalmente, pude também observar os estágios finais das cerimônias de iniciação. Após dez dias em Simões Lopes, fui obrigado a sair para não perder o começo do período letivo em Harvard.

Minha visita final aos Xavante teve lugar em março-abril de 1964. Nessa época eu estava no Brasil engajado num estudo diferente e aproveitei a oportunidade para passar dez dias em São Marcos. Meu objetivo era elucidar certos pontos de minha análise das instituições Xavante com o auxílio de informantes Xavante. Portanto selecionei São Marcos, desde que esperava contar com a habilitação linguística de Adalbert Heide e encontrar lá índios Xavante que eram bastante sofisticados para me explicar certos conceitos.

Adalbert Heide tinha deixado a missão, mas pude conseguir meu propósito, mantendo virtualmente seminários Xavante na missão. Consegui a participação de três velhos Xavante e os interoguei sobre assuntos que me preocupavam. Eles explicaram o melhor que podiam e eu gravei as discussões. Então ouvi a fita com os mais jovens Xavante que eram hábeis em parafrasear e puderam auxiliar-me a compreendê-las plenamente.

Ao mesmo tempo, pude fazer algumas observações concernentes às mudanças que tinham ocorrido em São Marcos entre 1962 e 1964. Tive também a sorte de encontrar um grupo de Xavante que haviam deixado São Domingos por E Tõ e finalmente fugira para São Marcos. Alguns deles eram pessoas que eu conhecia bem e tinha visto em 1958 e 1962. Pude, portanto, observar (com todos os dados relevantes na mão) como estavam assimilados da comunidade de São Marcos.

NOTAS

- 1 - Este não é o título do original, que é apenas Introduction.
(Nota do tradutor)
- 2 - Evans-Pritchard afirmou consistentemente que os antropólogos tendem a ser não-críticos no uso das fontes documentais, o que naturalmente inclui os registros de campo (vide Essays in Social Anthropology, The Free Press, Glencoe, Illinois, 1962, p. 50).
- 3 - Mas não em linguística. Eu tenho um bom ouvido e certa facilidade para línguas. Quando cheguei ao Brasil eu falava francês, alemão e espanhol fluentemente, bom dinamarquês e muito bom russo. Meu primeiro diploma na Universidade de Cambridge foi em espanhol e em russo.
- 4 - Nosso orçamento para o ano, incluindo todas as despesas de campo, era equivalente a 650 libras. Portanto não obtivemos suprimentos alimentares no campo. Infelizmente os Xerente não estavam bem abastecidos de alimento. Consequentemente nossa saúde se abalou; minha esposa, particularmente, ficou doente por carência alimentar.
- 5 - Uma descrição para o público em geral das circunstâncias de nossa pesquisa de campo entre os Xerente e os Xavante se encontra em Maybury-Lewis, The Savage and the Innocent, London, 1965.
- 6 - As excursões Xavante são discutidas plenamente no capítulo II.
- 7 - Este avião de abastecimento foi tirado da linha como consequência da necessidade de apoio aéreo durante a construção de Brasília. Ele nunca veio durante o tempo que estivemos em São Domingos.
- 8 - O Summer Institute of Linguistics está presentemente trabalhando em sua elaboração.
- 9 - As mulheres não se envolvem na política Xavante.